



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

LAÍS CORDEIRO DE MENEZES

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: REFLEXÕES
COM IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS**

**MONTEIRO – PB
2024**

LAÍS CORDEIRO DE MENEZES

**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: REFLEXÕES
COM IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Coelho de Souza Ladeira

**MONTEIRO – PB
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M543a Menezes, Lais Cordeiro de.
Análise da variação linguística em livros didáticos
[manuscrito] : reflexões com implicações educacionais / Lais
Cordeiro de Menezes. - 2024.
47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Felipe Coelho de Souza Ladeira,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Livro didático. 2. Variação linguística. 3. Preconceito
linguístico. 4. Ensino de língua portuguesa. I. Título

21. ed. CDD 410

LAÍS CORDEIRO DE MENEZES

ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS: REFLEXÕES
COM IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística.

APROVADA EM: 10 / 05 / 2024

BANCA EXAMINADORA

Felipe Coelho de Souza Ladeira

Prof. Dr. Felipe Coelho de Souza Ladeira (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rafael F. de S. Honorato

Prof. Dr. Rafael Ferreira de Souza Honorato
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jordão Joanes Dantas da Silva

Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita bondade e amor, por me acompanhar nesta jornada tão importante na minha vida. Ele sempre me concedeu sabedoria e força, proporcionando-me discernimento para superar desafios.

Ao meu estimado orientador Felipe Coelho de Souza Ladeira, agradeço sinceramente pela orientação valiosa, paciência incansável e apoio constante. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Elisangela, e ao meu pai, José Marizaldo, que mesmo diante das dificuldades nunca mediram esforços para me ajudar. Por isso, expresso profunda gratidão por todo o apoio e sacrifício que dedicaram ao meu crescimento e desenvolvimento ao longo dos anos.

Ademais, expresso meu agradecimento ao meu marido, André Batista, assim como aos meus irmãos Lucas e Lailton, às minhas tias e tios, aos avós, aos primos e às primas, pela constante colaboração e apoio. A presença de cada um de vocês ao longo desta jornada foi valiosa, e sou profundamente grata por compartilharem comigo não apenas momentos de alegria, mas também desafios, fortalecendo ainda mais os laços familiares que são tão significativos na minha vida.

Sou grata aos meus amigos: Mariane Cazuya, José Luis, Halanna Campos, Frederico Siqueira, Alberto Silva, Otaciany Estendio, Raiane Saraiva, Núbia Nascimento, Renan Pereira, Débora Nunes, Yasmin de Holanda. Ao longo desta jornada, tenho sido abençoada pela presença de amigos especiais, que se tornaram peças fundamentais no quebra-cabeça da minha vida. Agradeço por estarem ao meu lado nos momentos alegres, compartilhando risos, sonhos e conquistas.

Aos professores que passaram pela minha trajetória acadêmica, agradeço pela inspiração e conhecimento transmitidos ao longo da minha formação. Por último, dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa jornada. Agradeço por cada apoio, incentivo e confiança depositada em mim.

RESUMO

Este estudo concentra-se na análise da variação linguística no livro didático, um material de relevância no âmbito educacional que pode desempenhar um papel crucial no aprimoramento da competência linguística tanto de alunos falantes quanto não falantes, e na luta contra o preconceito linguístico, tanto dentro como fora da sala de aula. Nesse contexto, o objetivo geral foi examinar como a variação linguística e o preconceito linguístico são abordados pelos livros didáticos de algumas escolas do município de Sumé, Paraíba, especificamente nos seguintes livros didáticos (LDs) de Língua Portuguesa do 6º ano: *Convergências língua portuguesa*, de Daniela Passos (2018), adotado pela escola da rede privada; *Língua portuguesa*, de Lécio Cordeiro (2018), adotado também por escola rede privada e *Tecendo linguagens*, de Tania Amaral e Lucy Aparecida (2018), adotado pela escola da rede pública. Os objetivos específicos foram entender como a abordagem da variação linguística está estruturada nos livros didáticos; analisar como são desenvolvidas as atividades relacionadas à variação linguística nos livros LDs do 6º ano; verificar como essas atividades contribuem para um estudo esclarecedor da temática; e investigar como o preconceito linguístico é abordado nos LDs. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando análise documental dos três livros didáticos mencionados. Fundamenta-se teoricamente em Antunes (2007), Bagno (2000, 2006, 2007), Bortoni-Ricardo (2004, 2014, 2005), BNCC (2018), Brasil (2017,1998) e Faraco (2008), que discutem questões relacionadas à língua, variação linguística, preconceito linguístico e utilização do livro didático, uma discussão voltada para concepções da Sociolinguística educacional. A análise revelou que o livro *convergências língua portuguesa* apresenta uma estruturação mais abrangente e oferece atividades variadas para explorar a variação linguística. Por outro lado, o livro *língua portuguesa* aborda de maneira mais direta o preconceito linguístico, embora com menos profundidade em termos de atividades específicas. Já o livro *tecendo linguagens* demonstra uma abordagem limitada tanto da variação quanto do preconceito linguístico, com poucas atividades relacionadas a esses temas.

Palavras-Chave: Livro Didático; Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Ensino de Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of linguistic variation in the textbook, a material of relevance in the educational sphere that can play a crucial role in improving the linguistic competence of both speaking and non-speaking students, and in the fight against linguistic prejudice, both inside and outside the classroom. In this context, the general objective was to examine how linguistic variation and linguistic prejudice are addressed in the textbooks of some schools in the municipality of Sumé, Paraíba, specifically in the following 6th grade Portuguese language textbooks (LDs): *Convergências língua portuguesa*, by Daniela Passos (2018), adopted by the private school; *Língua portuguesa*, by Lécio Cordeiro (2018), also adopted by the private school; and *Tecendo linguagens*, by Tania Amaral and Lucy Aparecida (2018), adopted by the public school. The specific objectives were to understand how the approach to linguistic variation is structured in textbooks; to analyze how activities related to linguistic variation are developed in 6th grade LDs; to check how these activities contribute to an enlightening study of the subject; and to investigate how linguistic prejudice is addressed in LDs. The research adopted a qualitative approach, using documentary analysis of the three textbooks mentioned. It is theoretically based on Antunes (2007), Bagno (2000, 2006, 2007), Bortoni-Ricardo (2004, 2014, 2005), BNCC (2018), Brasil (2017, 1998) and Faraco (2008), who discuss issues related to language, linguistic variation, linguistic prejudice and the use of textbooks, a discussion focused on educational sociolinguistic concepts. The analysis revealed that the book *convergências língua portuguesa* has a more comprehensive structure and offers varied activities to explore linguistic variation. On the other hand, the book *língua portuguesa* deals more directly with linguistic prejudice, although with less depth in terms of specific activities. The book *tecendo linguagens* shows a limited approach to both linguistic variation and prejudice, with few activities related to these themes.

Keywords: Textbooks; Linguistic variation; Linguistic prejudice; Portuguese language teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Capa do LD Convergências: Língua Portuguesa	22
Figura 02 – Atividade “Análise de tirinha jornalística”	23
Figura 03 – Atividade “Análise de bilhetes”	24
Figura 04 – Atividade “Análise da entrevista”	25
Figura 05 – Atividade “Análise de texto de revista”	25
Figura 06 – Atividade de revisão “Rap do trabalhador”	27
Figura 07 – Atividade Variação Geográfica	27
Figura 08 – Atividade Variação Social.....	28
Figura 09 – Atividade Variação Histórica	29
Figura 10 – Atividade Variação em títulos de livros.....	29
Figura 11 – Atividade Variação em nome de brincadeiras	30
Figura 12 – Capa do LD Língua Portuguesa	33
Figura 13 – Atividade “variação e preconceito linguístico”	35
Figura 14 – Atividade “Diálogo sobre variação linguística e reflexão”	36
Figura 15 – Atividade “Desafios na busca pela leitura”	37
Figura 16 – Seção: “Aprenda mais”	37
Figura 17 – Capa do LD Tecendo Linguagens.....	40
Figura 18 – Variedade Linguística\ Linguagem formal e informal	41
Figura 19 – Linguagem formal e informal.....	42
Figura 20 – Linguagem formal e informal.....	42
Figura 21 – Ampliando conhecimentos	43
Figura 22 – Ampliando conhecimentos	44

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LD – Livro Didático

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: EXPLORANDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS .	13
2.1 Variação Linguística na Sala de Aula.....	15
3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS	19
4 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS	22
4.1 Livro: Convergências Língua Portuguesa – Daniela Passos.....	22
4.1.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística.....	22
4.1.2 Comentários sobre a abordagem didática.....	31
4.2 Livro: Língua Portuguesa – Lécio Cordeiro	32
4.2.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística	33
4.2.2 Comentários sobre a abordagem didática	38
4.3 Livro: Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa – Tania e Lucy	40
4.3.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística	40
4.3.2 Comentários sobre a abordagem didática	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A variação linguística desempenha um papel de extrema importância em sala de aula, uma vez que a compreensão e o reconhecimento das diferentes formas de falar e escrever são fundamentais para a promoção da inclusão, da igualdade e do respeito à diversidade linguística. Ao considerar a variação linguística no contexto educacional, reconhecemos que o aluno traz consigo sua própria bagagem cultural e linguística, o que fica demonstrado pela sua maneira de se expressar. Ignorar ou até mesmo desvalorizar essas variações pode resultar em barreiras à aprendizagem, desmotivação e até mesmo discriminação. Conforme argumentado por Marcos Bagno, a valorização das variedades linguísticas presentes no ambiente escolar é essencial para combater o preconceito linguístico e promover uma educação mais justa e inclusiva (Bagno, 1999, p. 15).

O uso da língua no contexto educacional está interligado com a utilização do livro didático, uma vez que este desempenha um papel central no processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, o livro didático é uma ferramenta para o ensino, pois, além de ser um guia de ensino já estruturado, fornece também recursos pedagógicos que auxiliam os professores no compartilhamento do conhecimento. No entanto, é importante reconhecer que o livro didático reflete uma visão normativa da língua que pode não considerar adequadamente a variação linguística presente na sociedade. Como Bagno destaca, a norma culta não deve ser vista como a única forma legítima de expressão, mas sim como uma entre muitas variedades linguísticas que coexistem e enriquecem a comunicação humana (Bagno, 2002, p. 47).

Bortoni-Ricardo (2005, p. 25-26) destaca que a linguística recomenda que a norma culta seja ensinada nas escolas, mas, ao mesmo tempo, preconiza a preservação dos saberes sociolinguísticos e dos valores culturais já adquiridos pelo aluno em seu ambiente social. Dessa forma, resguarda-se o direito do educando à preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista. A aprendizagem da norma culta, segundo a autora, deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, capacitando-o a empregar uma variedade ou outra de acordo com as circunstâncias da situação de fala.

No início do planejamento deste estudo, ao se pensar como a variação linguística era tratada no contexto do Ensino Fundamental, especificamente no livro didático destinado ao sexto ano, surgiram as seguintes indagações: como a abordagem da variação linguística está estruturada nos livros didáticos “Convergências língua portuguesa” de Daniela Oliveira Passos Marinho (2018), “Língua Portuguesa” de Lécio Cordeiro (2018) e “Tecendo Linguagens

Língua portuguesa” de Tania Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo (2018)? Como são desenvolvidas as atividades que envolvem a variação linguística nos livros didáticos do 6º ano? Elas contribuem para um estudo esclarecedor da temática? E o preconceito linguístico é abordado? Naquele momento, levantamos as seguintes hipóteses: o livro didático desempenha um papel importante ao facilitar a compreensão da temática quando explora o assunto de maneira conceitual e a ilustra com exemplos; ele também se destaca por conter um volume significativo de atividades que tratam da variação linguística.

Nesse contexto, optamos por analisar três livros didáticos (LDS) de língua portuguesa do 6º ano, pois esta série marca um ponto crucial no ensino fundamental. A escolha de três livros foi motivada por duas razões principais. Primeiro, a diversidade de abordagens: selecionar três livros permite uma comparação mais ampla e diversificada das abordagens de ensino dos conteúdos, ajudando a identificar diferenças na qualidade e eficácia desses materiais. Segundo, a representatividade: esses livros são amplamente utilizados nas Escolas de Ensino Fundamental de Sumé-PB, representando um recurso significativo para os educadores locais. A escolha desses livros foi feita visando uma análise detalhada e comparativa que pudesse revelar como diferentes editoras tratam a variação linguística e outros aspectos do ensino da língua portuguesa.

A motivação para a escolha da pesquisa está profundamente arraigada na minha conexão pessoal com a cidade onde resido. Decidi investigar as escolas locais para compreender melhor o impacto dos materiais didáticos na comunidade. Para isso, incluí tanto uma instituição da rede pública quanto uma escola privada, esta última sendo uma das maiores em número de alunos no município, de acordo com o censo escolar de 2024. Nossa metodologia envolveu a descrição, análise e compreensão dos livros didáticos, resultando em uma pesquisa de natureza qualitativa e caráter documental. Este enfoque permitiu uma avaliação detalhada dos conteúdos, abordagens pedagógicas e a forma como a variação linguística é tratada nesses materiais, fornecendo insights valiosos para a melhoria do ensino na região.

Para conduzir este trabalho, analisamos as atividades relacionadas à variação linguística nos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Nosso objetivo geral foi avaliar como essa variação é abordada como recurso de ensino da língua. Para atingir nossos objetivos específicos, investigamos as seguintes questões: Quais atividades são propostas nos livros didáticos para abordar a variação linguística? Como os diferentes tipos e níveis de variação linguística são representados nos materiais didáticos? Além disso, exploramos como os livros didáticos tratam o preconceito linguístico, buscando identificar se há sensibilidade e inclusão das variedades linguísticas dos alunos.

O livro didático tem o poder de moldar a visão de mundo do aluno. Ele pode influenciar a maneira como o aluno percebe as diferentes variedades linguísticas e as pessoas que as usam. Portanto, é importante garantir que esses materiais não perpetuem estereótipos linguísticos negativos. Para conduzir essa análise, fundamentamo-nos em princípios teóricos específicos que abordam questões relacionadas à linguagem, variação de idioma, estigmatização linguística, o ensino dessa diversidade linguística e o uso de material didático.

A estrutura do trabalho é a seguinte: a “Introdução”, na qual aborda a importância da variação linguística na educação, a necessidade de valorizar as diversas formas de expressão dos alunos, o papel central do livro didático no ensino da língua e a complexidade em equilibrar o ensino da norma culta com a preservação da identidade linguística e cultural dos estudantes. O capítulo “variação linguística: explorando os fundamentos teóricos” explora os princípios teóricos da variação linguística. Além disso, aborda documentos oficiais de programas e diretrizes educacionais do sistema de ensino brasileiro, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Essa revisão teórica tem como objetivo oferecer uma compreensão aprofundada da abordagem em sala de aula, destacando o uso do livro didático como recurso essencial para o ensino-aprendizagem. O enfoque também se estende ao ensino da variação linguística de maneira abrangente, com a meta final de contribuir para a melhoria da proficiência nesse aspecto específico. Essa interconexão entre teorias fundamentais e diretrizes educacionais visa enriquecer a prática pedagógica, proporcionando uma base sólida para abordagens mais eficazes no contexto educacional.

Em seguida, na seção “A variação linguística nos livros didáticos” apresentamos os livros didáticos e examinamos como eles abordam o tema, consistindo na avaliação do tratamento direto e indireto da variação linguística e do preconceito linguístico presente no material. Esse exame inclui a identificação dos tipos e níveis de variações abordados, bem como uma avaliação da abordagem em relação ao preconceito linguístico. Por fim, concluímos o trabalho com as considerações finais e as referências bibliográficas que fundamentaram a pesquisa.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: EXPLORANDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Ao refletir sobre o uso da linguagem na comunicação humana, percebemos que as expressões linguísticas se manifestam de formas muito diferentes por causa das diversas variações linguísticas. No Brasil, frequentemente, as variações são alvo de discriminação ou estão associadas à noção de erro. Portanto, a variação linguística, uma característica natural de todas as línguas, acaba resultando em preconceitos, o que reflete a necessidade de uma compreensão mais ampla e inclusiva da linguagem em nossa sociedade. Bortoni-Ricardo (2014, p. 12) diz que a pesquisa sociolinguística foi motivada pela constatação de que crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e classe alta. Atualmente, explica-se essas diferenças com base nas influências socio-culturais e no grau de letramento com que as crianças convivem em seu ambiente familiar.

Além disso, Bagno (2006, p. 19) afirma que a variação ocorre em todos os níveis da língua, como no fonético, sintático, lexical e no semântico. Como exemplo das diferenças fonéticas, ou seja, sobre o modo de pronunciar os sons da língua, o autor afirma que o brasileiro diz “eu sei”, já o português diz “eu sâi”. Sobre as diferenças sintáticas na organização das frases, orações e partes que as compõem, observamos que, no Brasil, a expressão “estou falando com você” contrasta com a utilizada em Portugal, onde dizem “estou a falar consigo”. Adicionalmente, há diferenças lexicais, visto que o termo “saloio” em Portugal se refere ao habitante da zona rural, enquanto no Brasil usamos expressões como “caipira”, “capiaru” ou “matuto”. No âmbito das diferenças semânticas, destaca-se que em Portugal a palavra “cueca” designa o que seriam “calcinha” para os brasileiros.

Ainda conforme Bagno (2006, p.19), existem outras diferenças que dizem respeito ao uso da língua, e o autor ilustra essa questão comparando situações cotidianas no Brasil e em Portugal. Por exemplo, ele apresenta a situação em que um português, ao convidar a Sílvia para jantar, possivelmente perguntaria: “A Sílvia janta conosco?”. Tal abordagem é diferente da utilizada no Brasil, onde um convite semelhante seria formulado de maneira mais direta, como: “Sílvia, você quer jantar com a gente?”. Esse exemplo evidencia a ausência, no Brasil, do hábito português de se dirigir diretamente a alguém como se esse alguém fosse uma terceira pessoa.

Em resumo, Bagno (2006) destaca que, apesar de o português ser a língua oficial tanto no Brasil quanto em Portugal, existem diferenças notáveis na forma como ela é falada e utilizada em ambos os países, o que pode levar a mal-entendidos e situações curiosas. Nesse sentido, de acordo com o autor, a forma como as pessoas falam e se comunicam é extremamente

importante e pode variar de acordo com diversos fatores:

A língua também fica diferente quando é falada por um homem ou por uma mulher, por uma criança ou por um adulto, por uma pessoa alfabetizada ou por uma não-alfabetizada, por uma pessoa de classe alta ou por uma pessoa de classe média ou baixa, por um morador da cidade e por um morador do campo e assim por diante. Temos então, ao lado das variedades geográficas, outros tipos de variedades: de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc (Bagno, 2006, p. 20).

Dessa forma, o autor expõe que a variação linguística não está limitada apenas à diferença entre regiões geográficas (variação diatópica), mas também depende de outros aspectos humanos, representados pelo gênero, idade, nível de educação, classe social (variação diastrática) e ambiente familiar, além do contexto situacional e da formalidade do discurso (variação diafásica) (Fiorin, 2021, p. 45-47).

Por outro lado, a relação entre “variação” e “padrão” é crucial para se compreender a dinâmica linguística. A noção de que a variação só se torna aparente em comparação com um padrão evidencia a tendência humana de estabelecer normas ou referências para avaliar a linguagem. Termos como “correto”, “norma culta”, “norma comum” ou “norma padrão” representam tentativas de descrever ou prescrever modos específicos de linguagem que são considerados socialmente melhores ou prestigiosos.

Sobre as expressões “norma culta”, “norma comum” ou “norma padrão”, Faraco (2008, p. 73) diz que se referem ao conjunto de fenômenos linguísticos que são habitualmente observados no uso da linguagem por falantes letrados, especialmente em situações mais formais de fala e escrita. Essa norma está associada a contextos monitorados e práticas da cultura escrita. Segundo o autor, esse processo histórico gerou, na percepção dos falantes, a representação da norma culta como uma variedade linguística superior, ou seja, uma forma de linguagem considerada melhor do que as demais. Essa visão é moldada também pelo imaginário social e contribui para a manutenção do prestígio associado à norma culta.

Ao mesmo tempo, Bortoni-Ricardo (2005, p. 25-26) enfatiza a importância de equilibrar o ensino da norma culta na escola com a preservação dos conhecimentos sociolinguísticos e valores culturais que os alunos trazem consigo de seu ambiente social. Essa abordagem visa garantir que o direito do aluno à preservação de sua identidade cultural específica seja respeitado, independentemente se essa identidade for rural ou urbana, popular ou elitista. Nesse sentido, Antunes (2007) destaca ainda que é um equívoco a ideia de que só se deve falar segundo a norma culta independente de qualquer situação:

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso da língua

diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e, como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua (Antunes, 2007, p. 104).

Conforme a autora pontua, a língua é uma construção social, existindo apenas em um contexto social. Todas as sociedades são naturalmente diversas, multifacetadas e sujeitas a variações, o que leva a usos diversos da língua dentro dessas sociedades. Nesse sentido, a variação linguística é um fenômeno intrínseco às línguas e tem sido objeto de estudo e reflexão por diversos teóricos ao longo da história da sociolinguística.

2.1 Variação Linguística na Sala de Aula

Como mencionado na “introdução”, a variação linguística em sala de aula é uma realidade que muitas vezes é subestimada ou até mesmo ignorada, mas que desempenha um papel crucial no processo de ensino e aprendizagem, pois ela pode afetar a compreensão dos conteúdos ministrados pelo docente, a interação deste com os alunos, a construção da identidade linguística dos estudantes.

Em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram estabelecidos para o ensino de Língua Portuguesa na sala de aula. Os PCNs expõem orientações didáticas específicas para alguns conteúdos sobre variação linguística e afirmam que o aluno já traz consigo uma experiência linguística prévia, moldada pelo ambiente em que cresceu e pelas interações linguísticas que teve com os membros de sua comunidade.

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades — aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniais. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência (PCNs, 1998, p. 81-82).

De acordo com os PCNs, é importante reconhecer e compreender a variação linguística na Língua Portuguesa, bem como a necessidade de orientações didáticas específicas para ajudar o aluno a entender as diferentes formas de expressão e quando utilizá-las adequadamente em diferentes contextos. Os PCNs também mencionam a possibilidade de os alunos já terem tido contato prévio com a discriminação de seu próprio modo de falar. Além dessa conceituação,

apresentam propostas de atividades que exploraram as questões de variação linguística em sala de aula:

- transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
 - edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
 - análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
 - levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes:
 - *elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
 - *estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
 - *comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
 - *comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
 - *comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
 - *comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
 - *comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
 - análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
 - análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
 - análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.
- (PCNs, 1998, p. 82-83)

Nesse sentido, pode-se perceber, a partir do trecho acima, que existem diversas opções de atividades para se trabalhar a variação linguística em sala de aula, bem como estimular a reflexão nos alunos sobre as normas linguísticas. Portanto cabe à instituição escolar abordar diretamente a variação linguística, transmitir a ideia de que existem opções de comunicação mais adequadas a diferentes contextos e, assim, devido a sua importância, discutir sobre as múltiplas formas de expressão linguística desde as séries iniciais. Conforme pontua Bortoni-Ricardo:

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 25).

Dessa forma, a diversidade linguística é uma característica marcante em nossa língua, e, portanto, é fundamental que os educadores compreendam como a variação é abordada nos materiais didáticos. Isso é particularmente relevante em comunidades menores ou rurais quando se trata de variação linguística ou de dialetos específicos presentes nessas comunidades, pois é essencial que os professores adotem abordagens e estratégias pedagógicas que incorporem essas variações linguísticas do ambiente social e familiar do aluno. O fenômeno da variação nem sempre é contemplado nos livros didáticos ou abordado pelos professores. Dado que o ambiente escolar, e não apenas ele, abriga uma multiplicidade de formas de linguagem, o trabalho com a variação linguística na escola contribui para evitar a discriminação linguística existente em nossa sociedade. Segundo Bagno:

Esse mito [“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”] é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ele fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc (Bagno, 2000, p. 15).

Conforme Bagno afirma, a escola não leva em consideração a diversidade linguística presente no Brasil e impõe uma norma formal para os estudantes, e muitas vezes os professores se deparam com isso sem terem um conhecimento aprofundado do assunto ou sem reflexão adequada. Isso acaba dificultando a capacidade dos alunos de identificar, analisar e compreender o texto ou a instrução do professor da Língua Portuguesa. Conforme Bortoni-Ricardo:

No caso do Brasil, **o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna – do lar e da vizinhança – variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas:** não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

De acordo com trecho destacado, nota-se a necessidade de se conciliar o ensino da norma padrão pela escola com a realidade cultural e linguística trazida pelo aluno de seu ambiente social e familiar de forma a lhe garantir segurança comunicativa e também um melhor entendimento da própria norma padrão. Essa abordagem pode contribuir também para a desmitificação de que a Língua Portuguesa é ‘muito difícil’, como descreve Bagno:

Essa afirmação preconceituosa [de que o português é muito difícil] é prima-irmã da idéia que acabamos de derrubar, a de que “brasileiro não sabe português”. Como o nosso ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que “português é uma língua

difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem (Bagno, 2000, p. 34).

O autor critica a aborgagem tradicional do ensino de língua portuguesa, que se baseia na norma gramatical de Portugal. Além disso, na linguagem, nada pode ser completamente claro ou entendido apenas com rótulos de certo ou errado. O ensino da língua ocorre de maneira eficaz quando o aluno se sente envolvido e parte da comunidade da sala de aula. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, leva em consideração as perspectivas da linguagem no contexto educacional como uma diretriz contemporânea essencial.

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às **variedades de prestígio** e às **variedades estigmatizadas**, que está relacionado a **preconceitos sociais**, deve ser tematizado (Brasil, 2018, p. 81 – destaque nosso).

É interessante perceber que, diferentemente dos PCNs, a BNCC trata explicitamente de variedades de prestígio e variedade estigmatizadas. Segundo Bortoni-Ricardo:

A atribuição de prestígio a uma variedade linguística decorre de fatores de ordem social, política econômica. Ao longo de toda a história brasileira, o português falado pelas classes mais favorecidas tem sido a variedade prestigiada em detrimento de todas as outras. Ao tempo do Brasil-Colônia, valorizava-se a língua do elemento branco, da classe senhorial (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 36).

Bortoni-Ricardo menciona que a atribuição de prestígio a uma determinada variedade linguística está relacionada a fatores sociais, políticos e econômicos. Ao longo da história do Brasil, a variedade da língua portuguesa falada pelas classes mais privilegiadas tem sido considerada prestigiada em detrimento de outras variedades linguísticas.

Ainda conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 37), no Brasil, os vernáculos e as variedades populares da língua urbana são alvo de estigmatização social. A autora ressalta, no entanto, que, do ponto de vista linguístico, essas variedades não são estruturalmente inferiores à norma-padrão. Ou seja, linguisticamente, não há uma inferioridade inerente nessas variedades em comparação com a norma culta.

Portanto, Bortoni-Ricardo (2005) destaca a importância de separar questões linguísticas de questões sociais e culturais quando se trata de variação linguística para promover uma compreensão mais justa e inclusiva das diferentes formas de falar. Nesse contexto de análise e aprimoramento na sala de aula, a BNCC de 2018 aponta os conhecimentos que os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, do 6º ao 9º ano devem adquirir em relação à variação

linguística. Essas competências incluem:

- (EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, [...] das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados [...] (p. 159);
- (EF69LP50) Elaborar texto teatral, [...] explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática. (p. 159);
- (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (p. 161);
- (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada. (p. 161);
- (EF89LP09) Produzir reportagem impressa, [...] tendo em vista [...] adequação à norma-padrão (p. 179).

Pode-se perceber que as diretrizes sustentam uma abordagem educacional que valoriza a compreensão da variedade linguística. Dessa forma, é fundamental aprofundar nosso entendimento sobre como essas variedades são avaliadas e valorizadas na sociedade, levando em consideração não apenas os aspectos linguísticos, mas também os fatores extralinguísticos. Essas distinções de valor podem levar a discriminações de várias naturezas, que devem ser abordadas de maneira crítica, mas o preconceito ou discriminação não será superado; ele continuará existindo na sociedade a menos que seja superado em sala de aula, permitindo ao aluno desenvolver uma postura de compreensão, naturalização e aceitação das diferentes variedades linguísticas. Ao mesmo tempo, cabe ao aluno entender a necessidade de aprender e dominar a norma padrão de forma a poder escolher de que maneira quer se expressar de acordo com os diversos contextos.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

O livro didático desempenha um papel fundamental no ambiente escolar, sendo uma ferramenta de grande importância tanto para professores quanto para estudantes. Para os primeiros, o livro didático serve como um guia que auxilia na organização do currículo, na escolha das atividades e no fornecimento de informações essenciais. Para os últimos, ele oferece a oportunidade de acessar informações e conhecimentos de forma estruturada, o que contribui para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura, compreensão e aprendizado.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) teve origem por volta de 1937 e passou por várias reformulações ao longo dos anos, assumindo a forma que conhecemos atualmente por volta de 1995. Ele visa regular a distribuição de livros didáticos nas instituições de ensino do Brasil. Além de supervisionar a distribuição desses materiais, um de seus propósitos é disponibilizar aos estudantes materiais que estejam em conformidade com o nível apropriado de ensino, garantindo que os conteúdos sejam adequados para a respectiva etapa educacional.

Diversas editoras responsáveis pela produção desses materiais submetem ao programa suas obras, que passam por uma análise detalhada com o intuito de serem aprovadas e escolhidas pelos educadores. Posteriormente, elas têm seus materiais didáticos distribuídos nas escolas. Segundo o Guia do PNLD 2017, são requisitadas para as coleções:

Espera-se, que as coleções possam promover um estudo das **variedades regionais e sociais da língua**, propiciando a abordagem das **normas urbanas de prestígio** e do português brasileiro contemporâneo falado e escrito. A escolha dos fenômenos linguísticos, das normas das diferentes variantes e dos efeitos de sentido provocados nos textos dos mais diferentes gêneros, autores e regiões pode favorecer um ensino de língua **que estimule a reflexão** e propicie uma educação linguística que se volte para a construção e sistematização de conhecimentos sobre a língua e linguagem na escola (Brasil, 2017, p. 16 – destaque nosso).

Conforme o guia, as coleções devem oferecer recursos e informações que permitam estudar e compreender as variedades regionais e sociais, além das normas urbanas consideradas prestigiosas. Bortoni-Ricardo (2005, p. 36) afirma que qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para ter acesso a níveis superiores de ensino e, assim, obter empregos bem remunerados. A essa altura, é conveniente deter-nos um pouco em considerações sobre esse fenômeno de sérias implicações sociais. A autora destaca que, para que uma pessoa possa conseguir empregos bem remunerados, é necessário que ela domine a variedade linguística considerada prestigiada. Essa variedade é a forma de falar que é socialmente reconhecida como “correta” ou “adequada” em um contexto específico.

O guia do PNLD 2017 sugere alguns critérios para que os professores possam tomar decisões adequadas na seleção de livros didáticos, especialmente no que diz respeito à maneira como a variação linguística é tratada nesses materiais. Assim, os conteúdos e atividades devem:

- abordar os diferentes tipos de conhecimentos linguísticos em situações de uso, articulando-os com a leitura, a produção de textos e o exercício da linguagem oral;
 - **considerar e respeitar as variedades regionais e sociais** da língua, promovendo o **estudo das normas urbanas de prestígio** nesse contexto sociolinguístico;
 - estimular a reflexão e propiciar a construção dos conceitos abordados
- (Brasil, 2017, p. 20– destaque nosso).

Dessa forma, os conteúdos e atividades devem ser projetados de forma a envolver os alunos de maneira significativa, levando em consideração a diversidade linguística e promovendo uma aprendizagem reflexiva. Nesse sentido, o livro didático deve incorporar a valorização da variação linguística em seus conteúdos. Por outro lado, cabe ao professor, que muitas vezes não possui conhecimento profundo do assunto, realizar em sala de aula uma mediação entre a variação linguística da língua falada pelos alunos e a norma linguística ditada pela escola.

Alguns livros didáticos abordam a variação linguística de maneira superficial possivelmente para atender às exigências do Ministério da Educação e serem incluídos na lista de obras a serem compradas e distribuídas. Isso resulta em uma aparente contradição dentro dos livros, e Bagno cita um problema na forma como alguns livros didáticos lidam com a variação linguística:

Alguns livros didáticos parecem abordar a variação linguística simplesmente para cumprir as exigências do Ministério da Educação e poder entrar na lista das obras que vão ser compradas e distribuídas. Com isso, o que a gente vê é uma unidade ou um capítulo dedicado à variação linguística em termos “politicamente corretos” em que se denuncia o preconceito linguístico, por exemplo, e se prega a tolerância e o respeito por todas as variedades – em contraste radical com todo o resto do livro, em que as questões gramaticais são abordadas de maneiras extremamente conservadora e autoritária, com insistência na denúncia dos “erros comuns” e na prescrição de formas “certas”, em geral já caídas em desuso, mesmo nos gêneros escritos mais monitorados (Bagno, 2007, p. 135).

O problema apontado por Bagno é que os livros didáticos, por exigências do Ministério da Educação, abordam a variação linguística de forma politicamente correta em um capítulo específico, enquanto, no restante do livro, mantêm uma abordagem conservadora e autoritária em relação às questões gramaticais. Isso revela uma falta de consistência na abordagem da língua nos materiais didáticos.

3 ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta seção apresentamos as análises dos livros didáticos escolhidos. Ela está organizada de acordo com o título do livro, em ordem alfabética, acompanhada pelo nome do autor. Realizamos uma avaliação dos capítulos referentes à variação linguística a fim de atingir o principal propósito desta pesquisa, que é observar como a variação e o preconceito linguístico são abordados no livro didático de Português.

3.1 Livro: *Convergências Língua Portuguesa* – Daniela Passos

Figura 01 - Capa do LD *Convergências: Língua Portuguesa*



Fonte: Passos (2018).

O livro didático *Convergências Língua Portuguesa*, publicado pela editora Sistema de Ensino SM, destina-se ao 6º ano do ensino fundamental e é de autoria de Daniela Oliveira Passos Marinho. Segundo a descrição do perfil que consta no material, a autora é licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, e mestra em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. Além disso, realiza trabalhos de assessoria pedagógica no desenvolvimento de materiais didáticos para o Ensino Fundamental. O livro é composto por quatro unidades, sendo que cada unidade contém dois capítulos, e a variação linguística é abordada nos capítulos 4 e 5.

3.1.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística

O livro se divide em quatro unidades, cada uma contendo dois capítulos. Na unidade 2, Capítulo 4, a autora introduz o tema da variação linguística. A parte teórica apresenta ao aluno a variação linguística como um fenômeno essencial às línguas, fenômeno esse que é explicado como a decorrente da habilidade inerente de toda língua em se modificar por diversas razões,

tais como origem geográfica, faixa etária, status econômico, grau de escolarização dos falantes, além do momento histórico e das situações de uso. Além disso, a autora reforça que a forma de comunicação pode variar de acordo com os interlocutores, indicando os seguintes fatores: relação hierárquica e social entre as pessoas envolvidas na situação comunicativa; o suporte ou meio no qual a comunicação se processa, seja oral ou escrito; o momento de sua produção, compreendendo a data em que o texto é produzido e o contexto histórico-social correspondente; a intenção, relacionada ao propósito do texto, como conversar, convencer, explicar, informar, despertar emoção, etc.; e o gênero do texto, que se refere à forma organizacional do texto.

Em função da situação comunicativa, a autora indica ainda aos alunos que é possível empregar um registro mais informal permitindo o uso de gírias e expressões reduzidas, como “tava” e “tô”. No entanto, em contextos mais formais, nos quais não há intimidade entre os interlocutores, como em uma entrevista de emprego ou ao redigir uma carta à diretoria da escola, deve-se adotar o registro formal, buscando seguir as normas da gramática normativa.

Na prática, a variação linguística desenvolvida no capítulo 4º é a do tipo diafásica, e a autora apresenta aos estudantes três questões de reflexão.

A figura 02 ilustra a atividade “Análise de tirinha jornalística”.

Figura 02 – Atividade “Análise de tirinha jornalística”

Atividades

1. Leia a tirinha a seguir e responda às questões.



Joaquín Salvador Lavado (Quino). *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 213.

- O que as personagens da tirinha estão fazendo?
- Idiossincrasia é um comportamento esperado de determinado grupo ou pessoa. O que Susanita quis dizer ao afirmar que Mafalda não soube segurar a idiossincrasia?
 - O que ela esperava como resposta de Mafalda?
- Por que as personagens utilizaram o registro formal nessa tirinha?
- Esse registro é adequado a qualquer situação comunicativa? Por quê?

Fonte: Passos (2018, p. 139).

Os pontos teóricos abordados sobre variação linguística nesta atividade incluem a exploração das diferentes formas de expressão linguística, considerando variação social e histórica. Nesse sentido, a autora busca envolver o aluno em uma análise mais profunda da

tirinha, orientando a atenção para diversos aspectos. A observação das ações das personagens é destacada, incentivando uma análise detalhada do conteúdo visual para uma compreensão mais abrangente. Ao introduzir o conceito de “idiosincrasia” e questionar a afirmação de Susanita sobre Mafalda, a autora pretende que o aluno não apenas compreenda o significado literal da palavra, mas também reflita sobre as expectativas de resposta que Susanita poderia ter tido ao utilizar essa expressão. A análise do uso do registro formal na tirinha visa levar o aluno a refletir sobre as escolhas linguísticas das personagens, enquanto a pergunta sobre a adequação desse registro busca estimular uma análise crítica considerando o contexto específico da tirinha e as normas sociais que influenciam a escolha do registro formal em diferentes situações comunicativas.

A figura 03 mostra a atividade “Análise de bilhetes”.

Figura 03 – Atividade “Análise de bilhetes”

- 1.** Lucas sempre vai à natação com sua amiga Alice, mas hoje ele acordou gripado. Então pediu a seu irmão que entregasse dois bilhetes para justificar sua ausência, um à Alice e outro ao seu professor de natação. Leia-os e responda às questões a seguir.

I

Oi, Alice, beleza?

Eu acordei meio malhão e não vai notar de ir na natação hoje.

Apresenta a aula porque a fera da turma vai faltar. Valeu!

Lucas

II

Oi, professor, tudo bem?

Eu acordei meio doente, por isso não pude ir à aula de natação hoje.

Obrigado e até a próxima semana!

Lucas

a) Que diferenças você percebe entre os dois textos?

b) Em sua opinião, por que Lucas optou por usar diferentes modos de escrever, sendo que o recado e o gênero textual são os mesmos?

Fonte: Passos (2018, p. 139).

A variação linguística diafásica evidencia como Lucas adapta seu estilo de linguagem conforme as normas e expectativas sociais de cada contexto. A autora propõe que os alunos identifiquem as diferenças linguísticas entre os dois bilhetes, incluindo escolhas lexicais, formalidade e estrutura das frases.

Os alunos são incentivados a refletir sobre por que Lucas optou por diferentes estilos de escrita, apesar do conteúdo (justificar a ausência na natação) e do gênero textual (bilhetes) serem os mesmos. A atividade visa desenvolver a análise linguística e a compreensão da

variação linguística em diferentes contextos sociais, destacando que a linguagem é adaptada conforme a situação e o interlocutor.

A figura 04 ilustra a atividade "Análise da entrevista".

Figura 04 – Atividade “Análise da entrevista”

- a) Essa entrevista parece uma conversa entre pessoas íntimas ou entre pessoas desconhecidas? Justifique sua resposta.
- b) Observe a palavra destacada na primeira pergunta de Ziraldo.

ZIRALDO – Quando você era adolescente, **sacava** que música iria ser a sua?

- O que o cartunista quis dizer com essa pergunta? Você já ouviu essa gíria?
- O registro que Ziraldo utilizou é mais formal ou mais informal? Em sua opinião, por que ele optou por esse registro para fazer a pergunta ao entrevistado?
- Se essa pergunta fosse direcionada a alguém com quem Ziraldo não tivesse intimidade, que impressão poderia causar no entrevistado?

Fonte: Passos (2018, p. 141).

A variação linguística nesta atividade refere-se à diafásica. Através das perguntas, a autora orienta os alunos para uma análise crítica da entrevista, com foco em elementos linguísticos e sociais. As perguntas buscam incentivar os alunos a observar não apenas o conteúdo, mas também a forma como a linguagem é utilizada.

A figura 05 ilustra a atividade “Análise de texto de revista”.

Figura 05 – Atividade “Análise de texto de revista”

Diva espoleta Texto: Renata Oliveira

Anairam de Leon - Niterói - RJ
22 anos, 9 anos de skate
Apolo: Globe, Grotesco, Estilo de Rua e Família in The Hill

Anairam de Leon, niteroiense de 22 anos, entrou para o mundo do *skate* aos 13 anos depois de cismar com a ideia de que queria ser *skatista*: "Desde pequena sou espoleta e sempre gostei de esportes e fazer coisas consideradas de menino, um dia cismeí que queria andar de *skate*". Conseguiu realizar seu sonho de andar nos EUA. Atualmente, tem um projeto voltado ao *skate* feminino chamado Board Breakers e muitos planos para somar junto ao *skate* feminino. É, realmente ela é uma Diva espoleta!

Renata Oliveira. Diva espoleta. *Central Skate Mag*, Brasília, n. 6, p. 11, jul./ago. 2013. Disponível em: <http://issuu.com/centralskatemag/docs/edi____o_6>. Acesso em: 7 jul. 2018.

- a) Qual a relação entre “fazer coisas consideradas de menino” e andar de *skate*?
- b) Você concorda com essa divisão de “coisas consideradas de menino” e “coisas consideradas de menina”? Por quê?
- c) Qual tipo de registro predomina nesse texto? Quais expressões podem ser retiradas do texto para justificar a sua resposta?
- d) Sabendo que esse texto foi publicado em uma revista destinada ao público jovem, por que a autora preferiu utilizar esse tipo de registro?

Fonte: Passos (2018, p. 141).

O ponto teórico sobre variação linguística abordados nesta atividade inclui a diastrática. Além disso, a atividade sugere a consideração de como a linguagem é moldada por elementos como classe social, idade, gênero e contexto de uso. As perguntas têm o propósito de

desenvolver a capacidade dos alunos de analisar criticamente a linguagem, questionar estereótipos de gênero, identificar registros linguísticos e compreender a adequação da linguagem ao público-alvo em contextos específicos.

Na unidade 3, capítulo 5, a autora introduz a ideia de variedades linguísticas que se refere à forma como utilizamos a linguagem conforme o contexto comunicativo. Ela encoraja uma revisão desse conceito e apresenta outras formas de variação linguística, como a geográfica, social e histórica.

No âmbito da variação geográfica, a autora resalta que a língua pode variar de acordo com a origem dos falantes, manifestando-se em vocabulário, pronúncia e estrutura dos enunciados. Assim, explica-se que a variação social é associada a grupos com características semelhantes, como nível socioeconômico, escolaridade, idade e gênero, resultando em padrões distintos de fala. Essa observação leva à conclusão de que a diversidade de usos da língua dentro desses grupos caracteriza a variação social. Além disso, Passos resalta a variação histórica na língua, evidenciada pelas mudanças ao longo do tempo, como ilustrado pelo exemplo do desuso da palavra “deite-se” com o significado de “despeje” ou “derrame”. Esse exemplo específico demonstra como palavras podem perder seu uso original ou adquirir novos significados ao longo das eras.

A autora, reconhecendo essa dinâmica linguística, inclui uma seção intitulada “Para saber mais”, na qual resalta que a língua portuguesa apresenta variações devido à época, região, situação de uso e características individuais dos falantes. Introduzindo o conceito de norma-padrão como um modelo linguístico descrito e seguido pela tradição gramatical, que normatiza tanto a língua falada quanto a escrita. Observa que falantes urbanos mais escolarizados geralmente utilizam variedades linguísticas próximas à norma-padrão, conhecidas como variedades urbanas de prestígio. E ainda destaca a competência do usuário da língua em escolher a variedade mais apropriada para cada contexto e resalta a necessidade de combater o preconceito linguístico, argumentando que todas as formas linguísticas diferentes da norma-padrão não são consideradas erradas. Essa abordagem reforça a importância da compreensão e aceitação da diversidade linguística, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

A figura 06 ilustra a atividade de revisão: “Rap do trabalhador”.

Figura 06 – Atividade de revisão “Rap do trabalhador”

No estudo do texto, você aprendeu que as letras de *rap* costumam apresentar um registro informal. Que palavras e expressões presentes nos versos acima comprovam isso?

2. Você viu que, dependendo da situação, podemos empregar um registro mais formal ou mais informal da língua. Em geral, em situações como uma conversa entre amigos, o registro pode ser informal, e podemos usar gírias e expressões reduzidas (como “tá”, “pro” e “pra”).

Considerando o que você aprendeu no capítulo 4, que motivos levaram Gabriel o Pensador a usar um registro mais informal no *rap*?

Fonte: Passos (2018, p. 174).

A atividade oferece uma revisão prática dos conceitos teóricos de variação linguística e diafásica trabalhada no capítulo anterior ao abordar o registro linguístico. O estudo destaca que as letras de rap frequentemente adotam um registro informal, caracterizado pelo uso de linguagem coloquial e expressões mais descontraídas, aproximando-se da fala cotidiana. Essa observação conecta-se também à variação contextual, ressaltando que, em diferentes situações, podemos optar por registros mais formais ou informais na língua.

A atividade da Figura 07, "Variação Geográfica", discute o uso de palavras específicas em diferentes regiões do Brasil.

Figura 07 – Atividade Variação Geográfica

Na tirinha, você viu que, para se dirigir a uma criança do sexo masculino, a personagem adulta utilizou a palavra **guri**, usada em algumas regiões do sul do Brasil. Em outras regiões, podem ser mais comuns outras formas de fazer referência a esse mesmo ser, como **menino** ou **piá**.

Além das diferenças de vocabulário entre as distintas regiões do Brasil, também é possível reconhecer diferenças nos modos de:

- pronunciar alguns sons, como o do **r** na palavra **porta**;
- estruturar enunciados, por exemplo, “**Dai** ele chegou.”; “Ele chegou, **dai**”.

2. Por quais nomes você conhece os alimentos reproduzidos abaixo?



- Você sabe por quais outros nomes esses alimentos são conhecidos em nosso país? Pesquise com um colega e registrem no caderno outros nomes que esses alimentos recebem indicando a região em que são usados.

Fonte: Passos (2018, p. 175).

A atividade acima explora a variação do tipo diatópica e se inicia com uma discussão sobre o uso de palavras específicas em diferentes regiões do Brasil. Durante a descrição, a autora busca sensibilizar os alunos para a diversidade linguística existente no Brasil, destacando as variações regionais que podem ser observadas no uso da língua. Ao discutir o termo “guri”, utilizado na tirinha para se referir a uma criança do sexo masculino, a autora evidencia como o vocabulário pode variar em diferentes regiões do país. Além disso, ao mencionar as diferenças na pronúncia de sons, como o “r” na palavra “porta”, e na estruturação de enunciados, exemplificados por diferentes formas de expressar a mesma ideia, a autora quer mostrar que a

variação não se limita apenas ao léxico, mas também abrange aspectos fonéticos e sintáticos. Dessa forma, incentiva-se os alunos a compreenderem e apreciarem a riqueza da diversidade linguística brasileira, além de promover a pesquisa e a compreensão das variações regionais na língua portuguesa.

A figura 08 ilustra a atividade de “variação social”.

Figura 08 – Atividade Variação Social

1. Veja no quadro abaixo algumas palavras e expressões utilizadas pelos *rappers* e seus respectivos significados. Em seguida, responda às questões.

À pampa. → muito legal	Deu milho. → não honrou com sua palavra
Trampo. → trabalho	Truta. → amigo, companheiro
Cascalho. → dinheiro	Style. → vestir-se bem
Abraça. → acredita	Miliano. → muito tempo

Fonte de pesquisa: Kárin Fusaro. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda Books, 2001.

- Você conhece alguma das palavras ou expressões acima? Se sim, com quem e em que situações você as utiliza?
- Quais dessas palavras e expressões podem receber outros significados?
- As palavras que você leu são mais utilizadas entre os *rappers*. Há palavras que você costuma utilizar apenas com seu grupo de amigos? Se sim, cite algumas delas.

Em uma mesma época, pessoas de várias idades se relacionam com diferentes pessoas, de diversas maneiras. Esse convívio influencia o comportamento, o modo de vestir, os gostos e até o modo de falar delas.

Fonte: Passos (2018, p. 176).

Nesta atividade o tipo de variação linguística abordada é a diastrática, a análise concentra-se no uso de palavras e expressões específicas pelos rappers, destacando como esses termos constituem uma linguagem própria dentro do contexto da cultura hip-hop. O texto procura mostrar que a variação social relaciona-se ao estilo de comunicação adotado por grupos culturais ou subculturas em diferentes contextos sociais. Assim, no exemplo proposto aos alunos, as palavras e expressões são específicas do universo dos rappers, mostrando como a linguagem pode variar de acordo com o estilo e a identidade cultural.

Nas perguntas relacionadas, a autora procura instigar os alunos a uma reflexão mais profunda sobre a variação linguística, particularmente no contexto da cultura hip-hop e do uso específico de expressões pelos rappers. No primeiro ponto, estabelece-se uma conexão mais pessoal, que convida os alunos a compartilharem experiências próprias com o vocabulário apresentado, incentivando uma compreensão prática. No segundo ponto, a autora quer que os alunos percebam a dinâmica dos significados das palavras, explorando a polissemia e reconhecendo que expressões podem assumir diferentes significados em diferentes contextos socio-culturais. Por fim, estimula-se uma reflexão sobre o uso de linguagem em grupos sociais específicos, como o dos rappers, levando os alunos a considerarem se também possuem palavras ou expressões exclusivas em seus círculos sociais.

A figura 09 ilustra a atividade de “variação Histórica”.

Figura 09 – Atividade Variação Histórica

1. Será que com o passar dos anos a língua também sofre variação? A receita abaixo é do ano de 1852 e faz parte do primeiro livro brasileiro de culinária. Leia-a e responda às questões a seguir.
- Você já experimentou um pudim de pão ou já ouviu falar dessa sobremesa?
 - Para você, foi fácil entender como a receita é feita? Por quê?
 - O que poderia ter sido feito para facilitar o entendimento dela?
 - Escreva em seu caderno de que forma escrevemos atualmente as seguintes palavras.
- podim vacca assucar panella
- Em sua opinião, por que a escrita dessas palavras mudou?
 - Caso essa receita fosse escrita nos dias atuais, haveria outras mudanças. Cite algumas delas.

Fonte: Passos (2018, p. 177).

Nesta atividade, o tipo de variação linguística abordada é a histórica. A autora propõe uma análise do texto de uma receita de 1852, buscando entender como a língua portuguesa era utilizada na época e como as formas de escrita e o vocabulário podem ter mudado ao longo do tempo. Nas questões apresentadas, busca-se proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda e prática dos conceitos teóricos relacionados à variação linguística histórica e, através de exemplos concretos, incentiva-se os alunos a aplicarem esses conceitos em situações reais, como análise de textos, identificação de registros linguísticos e reflexão sobre o uso da linguagem em diferentes contextos sociais e históricos.

A figura 10 ilustra a atividade de “variação em títulos de livros”.

Figura 10 – Atividade Variação em títulos de livros

1. Observe os títulos das capas de livros reproduzidas abaixo e responda às questões.
- O que significa cada uma das seguintes expressões?
 - O cara
 - Pelada
 - Tô ligado!
 - Levando em consideração as gírias utilizadas nas capas, a que público se destina cada um dos livros?
 - A utilização de gírias em falas ou textos escritos configura um uso mais formal ou menos formal da língua?
 - Qual dos tipos de variação linguística estudados ocorre nesses títulos? Por quê?
 - A linguagem apresentada nas capas se aproxima da forma de comunicação do público-alvo dos livros? Justifique.

Fonte: Passos (2018, p. 178).

Na atividade acima, o tipo de variação teórica abordada é a diastrática. A análise dos títulos dos livros visa compreender como as escolhas linguísticas, como o uso de gírias, estão relacionadas ao estilo de comunicação e ao público-alvo. Nas questões relacionadas aos títulos das capas de livros, a autora busca direcionar a atenção dos alunos para a importância das escolhas linguísticas. Pede-se que o aluno defina o significado de expressões como “O cara”, “Pelada” e “Tô ligado!” e procura-se verificar o entendimento das gírias. Em seguida, ao questionar sobre o público-alvo de cada livro com base nas gírias utilizadas, a autora incentiva uma reflexão sobre como a linguagem pode ser adaptada para se comunicar de forma mais

eficaz com diferentes grupos sociais.

Ao mesmo tempo, a autora também conduz uma análise sobre o nível de formalidade associado ao uso de gírias, levando os alunos a considerar se esse tipo de linguagem é mais formal ou informal. Além disso, ao conectar os títulos dos livros aos tipos estudados de variação linguística, ela estimula os alunos a identificar se há variação geográfica, social ou contextual nas expressões escolhidas. Por fim, ao questionar se a linguagem dos títulos se aproxima da forma de comunicação do público-alvo, a autora busca instigar uma reflexão crítica sobre a eficácia das escolhas linguísticas na comunicação escrita, destacando a importância da adequação linguística para alcançar o entendimento e a identificação do leitor.

A figura 11 ilustra a atividade de “variação em nome de brincadeiras”.

Figura 11 – Atividade Variação em nome de brincadeiras

2. Observe o mapa linguístico abaixo e confira os diferentes nomes que existem para a mesma brincadeira.
 - a) De acordo com a legenda do mapa linguístico, na quantas denominações para a brincadeira pesquisada? Escreva-as no caderno.
 - b) Qual é o nome que você utiliza para essa brincadeira?
 - c) Por qual nome ela é mais conhecida? Como você chegou a essa conclusão?
 - d) De acordo com as informações presentes no mapa, em qual capital brasileira metade das pessoas conhece a brincadeira por amarelinha e a outra metade, por maré?
 - e) Esse mapa apresenta dados referentes a que tipo de variação linguística? Justifique sua resposta.
3. Com base no que você estudou sobre variação linguística, reflita sobre a seguinte questão: podemos dizer que há um modo correto de falar? Junte-se com um colega e troquem ideias a esse respeito. Depois, apresentem sua resposta para o restante da turma.

Fonte: Passos (2018, p. 179).

Na última atividade, o tipo de variação linguística abordada é a diatópica. Através de um mapa linguístico apresentado, a autora propõe que os alunos analisem as diferentes denominações para uma brincadeira infantil popular em diferentes regiões do Brasil. Trata-se de um exemplo interessante, pois a mesma brincadeira é conhecida por diversos nomes, tais como “Amarelinha”, “Macaca/Macacão/Macaco”, “Academia”, “Cancão”, “Maré”, “Avião” e outras mais.

Nas perguntas, a autora visa estimular nos alunos a compreensão da variação linguística no Brasil destacando que não há um nome certo ou errado para a brincadeira, mas sim uma riqueza de diversidade linguística no país. A autora ainda utiliza o exemplo de uma capital brasileira para ilustrar como as diferenças podem ocorrer mesmo em áreas urbanas, reforçando a influência da variação geográfica. Ao final, como um tópico em destaque, provoca-se uma reflexão importantíssima sobre a ideia de um modo “correto” de falar, desafiando a norma única e promovendo o reconhecimento da validade das diferentes expressões linguísticas.

3.1.2 Comentários sobre a abordagem didática

Daniela aborda o conceito de variação linguística inicialmente com o foco na variedade estilística da língua. Ao questionar o aluno/leitor se ele já percebeu que a forma como se fala ou se escreve pode variar dependendo da situação e das pessoas com as quais se está interagindo, a autora ressalta o princípio estabelecido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, que sustenta a variação como um fenômeno que se origina na história e é moldado pelo contexto social.

Além disso, em conformidade com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as atividades de bilhete, de entrevista e de texto publicado em revista destinada ao público jovem visam o levantamento das marcas de variação linguística relacionadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratam do mesmo assunto para públicos com características diferentes. Essas questões propostas atendem à habilidade EF69LP56 da BNCC: “fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (BNCC, 2018, p. 161). Assim, as atividades propostas sobre os tipos de variação linguística limitam-se à proposta dos PCNs sobre o levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento.

No entanto, as questões dos exercícios e atividades mencionadas abordam várias habilidades da BNCC, como por exemplo: (EF69LP47) “Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, [...] das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados”; (EF69LP55) “Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”; e (EF69LP56) “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada”. No entanto, não é possível perceber nenhuma das seguintes habilidades propostas pela BNCC, como a elaboração de um texto teatral com explicitação de marcas dialetais e retextualização temática (EF69LP50); e produção de matéria jornalística em linguagem adequada à norma-padrão (EF89LP09).

Ao mesmo tempo não é possível perceber nenhuma das seguintes propostas dos PCNs: a) transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala; b) edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a

fala e a escrita; análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas; análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos e análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico.

É possível perceber que, na segunda questão (figura 11) ao explorar um mapa lexical para analisar a variação lexical de um jogo infantil e ao relacioná-lo com a questão 3, que pode ser um ponto instigante para discutir variação linguística indagando se há um modo correto de falar, destaca-se a atividade proposta que envolve a interação entre os alunos. Eles são incentivados a reunir-se, conversar e apresentar para a turma, sem, no entanto, receber um posicionamento oficial do livro sobre a questão. Notavelmente, o que poderia ser considerado crucial para a compreensão da variação é relegado à seção para saber mais. Outro ponto significativo abordado é que a norma padrão é um modelo linguístico, definido e seguido pela tradição gramatical, que normatiza tanto a língua falada quanto a escrita. Nesse contexto, destaca-se a subordinação da língua falada à escrita.

Além disso, o critério sugerido pelo Guia PNLD 2017 para a seleção de livros didáticos em relação à maneira como a variação linguística é abordada nas atividades não contempla os diferentes tipos de conhecimentos linguísticos em situações de uso, articulando-os com a produção de textos e o exercício da linguagem oral. Limita-se à abordagem da leitura e não considera as variedades regionais e sociais da língua, focando apenas no estudo das normas urbanas de prestígio dentro desse contexto sociolinguístico. Portanto, não estimula a reflexão completa nem propicia a construção integral dos conceitos abordados.

Por fim, em um pequeno espaço na seção “Para saber mais”, é possível perceber a falta de informações detalhadas sobre o tópico do preconceito linguístico. Um tratamento mais abrangente poderia incluir exemplos concretos de situações em que o preconceito linguístico é evidente, dados estatísticos sobre como isso afeta diferentes grupos sociais e uma análise mais profunda das implicações sociais e educacionais do preconceito linguístico. Além disso, seria interessante oferecer sugestões práticas sobre como combater o preconceito linguístico e promover uma apreciação mais ampla da diversidade linguística.

3.2 Livro: Língua Portuguesa – Lécio Cordeiro

Figura 12 – Capa do LD Língua Portuguesa



Fonte: Cordeiro (2018).

O livro *Língua Portuguesa*, publicado pela editora Formando Cidadãos, destina-se ao 6º ano do Ensino Fundamental, anos finais. A autoria é de Lécio Cordeiro, e, segundo a descrição do seu perfil, ele possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2008), especialização em Linguística e Ensino pela Universidade Salgado de Oliveira (2011) e Mestrado em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Atuou como redator e revisor de textos em consultoria editorial especializada e, atualmente, é autor de livros didáticos de Língua Portuguesa e editor de Ensino Fundamental e Ensino Médio na Multi Marcas Editoriais, empresa que reúne os selos editoriais Editora Construir, Sucesso Sistema de Ensino e Formando Cidadãos Editora. O livro didático em questão é composto por oito capítulos, e a variação linguística é abordada apenas no primeiro capítulo.

3.2.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística

O livro é estruturado em 8 capítulos, e no primeiro capítulo, o autor apresenta um mapa e um texto que retratam a variação linguística regional, mencionando os diferentes nomes de um sorvete em quatro estados do Brasil, Piauí, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Logo em seguida, questiona-se sobre como esse sorvete é chamado na região do aluno e se este o conhece sob outras formas de variação.

Na explicitação teórica, Lécio destaca para o aluno que a variação linguística é um fenômeno que não ocorre apenas com o português, pois todas as línguas estão em constante

mudança e variação, tanto ao longo do tempo quanto durante o dia. São ressaltados exemplos históricos, como o uso de “fror” em vez de “flor” nos séculos XV e XVI, destacando que, naquela época, a variante utilizada pelos nobres, “fror”, era considerada “correta”, enquanto a forma popular “flor” era tida como “errada”. Contudo, o autor enfatiza que, atualmente, compreendemos a inexistência de formas absolutamente corretas ou incorretas, reconhecendo a presença da variação linguística.

Lécio argumenta que todas as variantes linguísticas são igualmente ricas e expressivas, atendendo às necessidades dos grupos sociais que as utilizam. No entanto, destaca a existência de discriminação linguística, denominada preconceito linguístico, cujas origens estão em mitos infundados sobre a língua. O autor exemplifica esses mitos, como a ideia de que o português é intrinsecamente difícil ou de que o correto é falar de acordo com a norma de Portugal. Do ponto de vista científico, o autor enfatiza que não há língua inferior ou superior, bonita ou feia, fácil ou difícil. Assim, ressalta a importância de se adaptar a expressão linguística de acordo com o contexto, seja em uma conversa informal com amigos ou em uma entrevista de emprego, mas sem atribuir juízos de valor às diferentes formas de fala.

Em seguida, o autor explora os diferentes tipos de variação linguística, ressaltando que, apesar da existência da norma culta, a comunicação verbal, seja oral ou escrita, comumente utiliza diversas variedades linguísticas. Explica ainda que esse uso está condicionado às circunstâncias sociais, culturais, geográficas, entre outras, e que ao se expressar verbalmente, o aluno também deve considerar fatores como a pessoa com quem interage, o local, o tema e a escolaridade.

Na sequência, na mesma página, Lécio apresenta quatro tipos de variação linguística e dedica um parágrafo de explicação sobre cada uma: a variação geográfica, segundo o texto, leva em conta as características linguísticas dos lugares, como sotaque e vocabulário, evidenciando que mesmo em diferentes áreas do mesmo estado, como em São Paulo e Campinas, ocorrem diferenças; a variação histórica destaca que todas as línguas naturais variam ao longo do tempo, sendo visível em textos antigos devido à ausência de padronização ortográfica até o século XVI; a variação sociocultural ocorre em função de grupos sociais, níveis de escolaridade e ambiente sociocultural, exemplificada por gírias e jargões de diferentes grupos sociais; finalmente, a variação situacional destaca que a língua varia de acordo com a situação comunicativa, sendo mais adequado o registro formal em situações formais e o registro informal em situações informais.

Além disso, o autor destaca que as gírias fazem parte do léxico específico de determinados grupos, tais como surfistas, cantores de rap e atletas. Além disso, menciona que

os jargões estão associados a profissões específicas, representando uma linguagem técnica utilizada por profissionais como médicos, juristas e economistas.

Após o texto sobre variação e preconceito linguístico, é apresentada uma questão (Figura 12) na qual são retomados elementos sobre a variação e o preconceito linguístico.

Figura 13 – Atividade “variação e preconceito linguístico”

1] **Releia o texto didático *A variação e o preconceito linguístico* e analise as afirmações a seguir. Marque **V**, para verdadeiro, ou **F**, para falso.**

- a. **F** Todas as pessoas falam da mesma forma.
- b. **F** Devemos falar da mesma forma com qualquer pessoa.
- c. **V** Todas as línguas variam.
- d. **V** Não existe apenas uma maneira “certa” de falar.
- e. **V** Falar “certo” é falar de acordo com a situação.
- f. **F** Os brasileiros precisam aprender a falar português.
- g. **F** O português é uma das línguas mais difíceis de aprender.
- h. **F** O certo é sempre se expressar de acordo com a norma culta.

Fonte: Cordeiro (2018, p. 30).

Os pontos teóricos abordados sobre variação linguística nesta atividade envolvem a exploração desse fenômeno, ressaltando a concepção de que as pessoas não falam de maneira uniforme, e que as línguas, por sua natureza, apresentam variações. A compreensão central é que não existe uma única forma “certa” de falar, sendo a adequação linguística intrinsecamente ligada ao contexto de uso. O autor busca destacar para os alunos a inexistência de um padrão único de fala, encorajando a compreensão e aceitação da diversidade linguística.

A reflexão sugerida é que, embora seja apropriado expressar-se de acordo com a norma culta em contextos formais, é igualmente essencial reconhecer e respeitar as variações linguísticas em situações informais.

Figura 14 – Atividade “Diálogo sobre variação linguística e reflexão”

2| Leia a tira a seguir e responda aos questionamentos.



Fonte: Cordeiro (2018, p. 30).

Nesta atividade, os pontos teóricos sobre variação linguística destacam a diversidade existente nas formas de expressão linguística. O autor provoca uma reflexão ao questionar a necessidade formal de frequentar a escola para aprender a língua materna, sugerindo que o português é adquirido naturalmente, sem esforço formal. Além disso, acrescenta-se que na questão do preconceito exercido pela professora na tira. A peculiar forma de expressão de Zeca é abordada não como uma falta de conhecimento, mas como uma variante linguística legítima. A reflexão proposta envolve desafiar estereótipos linguísticos e reconhecer a validade das diferentes variantes da língua, enriquecendo a compreensão do panorama linguístico.

A figura 15 atividade “Desafios na busca pela leitura” exemplifica esses conceitos, ilustrando como os desafios e as variações linguísticas impactam o processo de alfabetização.

Figura 15 – Atividade “Desafios na busca pela leitura”

3| Leia a tirinha abaixo e responda às perguntas a seguir assinalando **V**, para verdadeiro, ou **F**, para falso.

XAXADO/Antonio Cedraz



- | | |
|---|---|
| a. <input checked="" type="checkbox"/> V O menino gostaria de aprender a ler. | e. <input checked="" type="checkbox"/> V Para responder ao menino, Marieta usou o português-padrão. |
| b. <input checked="" type="checkbox"/> V Marieta ensinaria o menino a ler sob uma condição. | f. <input type="checkbox"/> F Marieta poderia falar com o menino com mais formalidade. |
| c. <input checked="" type="checkbox"/> V O menino não sabe onde fica a escola. | g. <input type="checkbox"/> F Só é possível aprender a ler na escola. |
| d. <input type="checkbox"/> F Marieta se expressou de maneira pouco formal. | |

Fonte: Cordeiro (2018, p. 31).

Lécio aborda pontos teóricos sobre variação linguística ao explorar um diálogo entre Marieta e um menino que deseja aprender a ler. A história destaca a diversidade linguística presente na comunicação entre os personagens, com diferentes formas de expressão, inclusive variações no uso do português-padrão. A reflexão proposta envolve questionar a necessidade de se comunicar de maneira mais formal em determinados contextos, ressaltando que a aprendizagem e o uso da linguagem são influenciados por diferentes fatores sociais e culturais.

A Figura 16 Seção: “Aprenda mais” explora a variação linguística ao longo do tempo, destacando o exemplo do poeta Camões e suas escolhas vocabulares em “Os Lusíadas”.

Figura 16 – Seção: “Aprenda mais”

Bicicreta!

Você sabia que Camões, o maior poeta português de todos os tempos, escrevia **frecha** em vez de **flecha**? Isso porque, na época em que ele escreveu seu maior poema, *Os Lusíadas*, **frecha** era a forma considerada “correta” pelas pessoas ricas e cultas, como **fror**. Mas o povo, que era realmente a maior parte da população portuguesa, falava **flecha** e **flor**. Então, quem estava “certo”, o povo ou os nobres? Mudanças como essas ocorrem de forma tão lenta que muitas vezes são imperceptíveis durante a vida de uma pessoa. Hoje, mais de 400 anos depois de Camões, a maior parte da população brasileira fala **flecha** e **flor**. Repare que, linguisticamente, o fenômeno que age sobre essas formas é o mesmo que atua sobre as formas não padrão **bicicreta**, **chicrete**, **broco**, **brusa**, etc. Quem sabe se daqui a 400 anos estaremos falando assim? *

Fonte: Cordeiro (2018, p. 31).

Nesta seção, é destacada a variação linguística ao longo do tempo, utilizando o exemplo do poeta Camões e suas escolhas vocabulares em “Os Lusíadas”. A narrativa ilustra como

formas consideradas corretas no passado, como "frecha", eram usadas por pessoas cultas, enquanto o povo falava "flecha". O autor questiona quem estava "certo", destacando que mudanças linguísticas ocorrem lentamente e muitas vezes são imperceptíveis. A referência a formas não padrão como "bicicreta" e outras exemplifica a continuidade desse fenômeno. A reflexão proposta sugere uma compreensão da dinâmica da língua ao longo do tempo e a possibilidade de mudanças linguísticas futuras.

Logo após, o autor apresenta duas perguntas sobre "o que é mito?" e a outra pergunta instiga os alunos a pesquisarem sobre "intencionalidade discursiva" e, em seguida, aplicarem esse conhecimento para analisar a intenção por trás da repetição do pedido do funcionário pelo patrão no diálogo "Então quer dizer, seu João, que o senhor deseja ganhar um aumento...".

As perguntas apresentam relevância didática ao envolverem os alunos em pesquisas, promovendo o desenvolvimento de habilidades de busca de informações, pensamento crítico e expressão clara de conceitos. A investigação sobre o conceito de mito expande o conhecimento dos alunos em mitologia, estimulando uma compreensão mais aprofundada desses elementos culturais. No contexto da "intencionalidade discursiva", a relevância didática se destaca ao desafiar os alunos a explorarem conceitos teóricos sobre a intenção por trás das escolhas linguísticas. Essa abordagem não apenas aprimora a capacidade analítica dos estudantes, mas também os incentiva a aplicar esse conhecimento à prática, enriquecendo sua compreensão do uso da linguagem em situações específicas.

3.2.2 Comentários sobre a abordagem didática

OLD adota uma abordagem alinhada com os PCNs de 1998 ao abordar os diversos tipos de variação e do preconceito linguístico. Seguindo as diretrizes estabelecidas pelos PCNs, a obra destaca a existência de formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, proporcionando uma explanação abrangente sobre essas nuances linguísticas.

Conforme os PCNs, propõe-se uma análise comparativa entre o registro da fala ou da escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional, especialmente nas atividades que envolvem tirinhas voltadas para a fala. É possível perceber que o LD leva em consideração a diversidade linguística presente no Brasil, cita alguns mitos conforme Bagno (2000), e como os preconceitos linguísticos se originam deles.

As questões propostas contemplam duas habilidades delineadas pela BNCC: EF69LP55, que aborda a capacidade de "reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico", e EF69LP56, que se refere à habilidade de

“fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser utilizada” (BNCC, 2018, p. 161). No entanto, é importante notar que o LD não incorpora algumas habilidades sugeridas pela BNCC (2018), tais como a análise de diferentes formas de composição em textos narrativos ficcionais, a elaboração de texto teatral com explícita abordagem de marcas de variação linguística e a produção de reportagem impressa com foco na adequação à norma-padrão.

O PNLD 2017 requisita que as coleções promovam um estudo das variedades regionais e sociais da língua, proporcionando a abordagem das normas urbanas de prestígio e do português brasileiro contemporâneo, tanto falado quanto escrito. Nesse contexto, a coleção busca oferecer uma abordagem abrangente das normas urbanas de prestígio, bem como do português brasileiro contemporâneo em suas manifestações orais e escritas. A obra, assim, se destaca como uma ferramenta educacional valiosa que não apenas atende às orientações do programa, mas também se sobressai ao proporcionar aos estudantes uma imersão enriquecedora nas diversas manifestações linguísticas do Brasil. Ao explorar as diferentes formas de expressão presentes em diversas regiões e contextos sociais, a obra contribui para uma compreensão mais profunda e inclusiva da riqueza linguística e cultural que caracteriza o cenário linguístico brasileiro.

Ao analisar as atividades propostas pelos PCNs (1998) no LD referentes à variação linguística, é possível observar que algumas recomendações não são devidamente contempladas. Entre elas, destacam-se: a) a transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para identificação dos recursos linguísticos próprios da fala; b) a edição de textos orais para apresentação em gênero da modalidade escrita, visando permitir que o aluno perceba diferenças entre a fala e a escrita; c) a análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, mídia e artes, mediante depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas.

O LD aborda de forma secundária o tema do preconceito linguístico e os mitos associados a ele. É observável que o espaço destinado a essas questões é limitado e não recebe destaque significativo na obra. Nesse contexto, cabe ao professor assumir a responsabilidade de conduzir uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto com a turma.

A limitação do espaço dedicado ao preconceito linguístico e aos mitos no LD pode resultar em uma abordagem secundária, não fornecendo aos alunos uma compreensão plena da importância desses temas no contexto da linguagem e da sociedade. Diante disso, é crucial que o professor esteja preparado para suprir essa lacuna, promovendo discussões significativas em sala de aula que permitam uma reflexão crítica sobre o preconceito linguístico, seus

fundamentos e as consequências de seus mitos.

3.3 Livro: *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa – Tania e Lucy*

Figura 17 – Capa do LD *Tecendo Linguagens*



Fonte: Amaral e Melo (2018).

O livro didático *Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa* é de autoria de Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo. Segundo a descrição de seus perfis, a primeira é formada em Letras, Pedagogia e Psicologia pela Universidade de São Paulo, Mestre em Ciências da Comunicação, formadora de educadores nas áreas de Língua Portuguesa e de comunicação e ainda professora do Ensino Fundamental das redes pública e privada de São Paulo; já a segunda é bacharela e licenciada em língua portuguesa e linguística pela Universidade de São Paulo, especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e professora de Ensino Fundamental da rede particular de São Paulo. O LD foi publicado pela Editora IBEP, em 2018, e está organizado em quatro unidades temáticas: “Explorando a Identidade”, “Relações e Convivência”, “Integração na Sociedade” e “Compreendendo a Convivência”. Cada uma dessas unidades contém dois capítulos que auxiliam no aprendizado e desenvolvimento dos estudantes.


3.3.1 Conteúdo explorado sobre a variação linguística

O tema da variação linguística é explorado na segunda unidade do livro, especificamente no 3º capítulo intitulado “Da nossa escola à escola ideal” e na seção dedicada à análise do uso da língua. A abordagem do tema começa com uma crônica no início do

capítulo, seguida pela proposição de atividades. As autoras abordam duas questões sobre variedade linguística e linguagem formal e informal.

As figuras 18 e 19 variedade linguística / linguagem formal e informal. Apresentam discussões, destacando as diferenças e contextos de uso entre as diversas formas de expressão.

Figura 18 – Variedade Linguística\ Linguagem formal e informal

 REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA

Variedade linguística

1. Observe a maneira como um personagem do texto “Na escola” expôs sua opinião e responda às próximas questões.

A senhora vem de calça comprida, e **a gente aparecemos** de qualquer jeito.

a) A construção destacada no trecho está de acordo com as regras gramaticais? Por quê?

b) Construções como essa em destaque podem aparecer na fala das pessoas quando elas se comunicam? Por que você acha que isso acontece?

Linguagem formal e informal

1. No texto “Na escola”, encontramos palavras e expressões que costumam ser usadas em situações informais de comunicação. Veja:

Uniforme é **papo-furado**.
 – Porque minissaia é muito mais **bacana**.
 – Ah, **cada um na sua**.

Fonte: Amaral e Melo (2018, p. 88).

Figura 19 – Linguagem formal e informal

Agora, reflita e responda:

- a) Em sua opinião, os termos em destaque foram empregados adequadamente pelos personagens na situação de comunicação? Por quê?
- b) Se você estivesse apresentando um trabalho sobre o uso do uniforme em um seminário organizado por várias escolas, seria adequado dizer “uniforme é papo-furado”? Por quê?
- c) Indique as situações de comunicação em que você considera adequado empregar a expressão “papo-furado” e justifique.
 - I. Audiência com um juiz.
 - II. Bate-papo com os amigos.
 - III. Entrevista em programa de TV destinado ao público jovem.
 - IV. Entrevista de emprego.
- d) Se você tivesse de reescrever as frases do texto que estão destacadas no quadro do início desta atividade utilizando uma linguagem mais formal, como elas ficariam?

Fonte: Amaral e Melo (2018, p. 89).

Logo após, os autores destacam um texto que enfatiza a adaptação da linguagem à situação de comunicação. Nesse sentido, Amaral e Melo ressaltam a importância de considerar diversos aspectos, como o assunto tratado, o estado emocional dos interlocutores, o grau de intimidade e o tipo de relação entre as pessoas, bem como o local em que se encontram, entre outros. Ainda, eles observam que, dependendo da situação de comunicação, é possível utilizar uma linguagem formal, presente em contextos mais formais, elaborada e com vocabulário técnico, com ênfase na norma-padrão. Por outro lado, a linguagem informal é mais adequada para a comunicação imediata do dia a dia, sendo mais simples, espontânea e permitindo o uso de gírias, sendo frequentemente utilizada em situações informais, como momentos compartilhados com familiares e amigos.

A Figura 20 Linguagem formal e informal, ilustra essas diferenças de maneira clara e detalhada.

Figura 20 – Linguagem formal e informal

De acordo com a situação e a circunstância em que nos encontramos, falamos ou escrevemos de formas diferentes. Para adequar nossa linguagem à situação de comunicação, devemos considerar aspectos como o assunto que está sendo tratado, o estado emocional de quem se comunica, o grau de intimidade e o tipo de relação entre as pessoas (falante/ouvinte – escritor/leitor) e o lugar em que se encontram, entre outros.

Dependendo da situação de comunicação, usamos:

Linguagem formal: presente em situações de maior formalidade. É elaborada e, geralmente, apresenta conteúdo mais complexo e vocabulário técnico. Nela, há maior preocupação com a norma-padrão.

Linguagem informal: é adequada para a fala imediata e do dia a dia. A linguagem informal é mais simples, espontânea e pode fazer uso de gírias. É bastante usada com familiares e pessoas com quem se compartilham momentos que não exigem formalidade.

Fonte: Amaral e Melo (2018, p. 89).

Em seguida, propõem uma questão envolvendo uma charge na qual dois jovens estão lendo um artigo de jornal sobre a taxa de escolarização dos jovens no Brasil. Ao analisar o diálogo presente na charge, torna-se evidente que os personagens estão empregando uma linguagem informal, destacada pelas palavras “cara” e “legal”. Essa escolha linguística é característica de uma forma de comunicação comumente utilizada em conversas entre amigos ou em contextos informais. Considerando que os personagens são jovens amigos e se encontram em um ambiente não formal, a opção pela linguagem informal é apropriada para a situação.

A figura 21 ampliando conhecimentos, apresenta uma charge na qual dois jovens estão discutindo um artigo de jornal sobre a taxa de escolarização dos jovens no Brasil, utilizando uma linguagem informal.

Figura 21 – Ampliando conhecimentos

APLICANDO CONHECIMENTOS

1. Leia esta charge e, em seguida, responda às questões propostas.



LUTE. Disponível em: <<https://bit.ly/2lftsc>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Fonte: Amaral e Melo (2018, p. 89).

Figura 22 – Ampliando conhecimentos

- a) A charge é um gênero que geralmente critica ou ironiza fatos de natureza política. Qual é a crítica ou ironia presente na fala do segundo garoto?
- b) A linguagem empregada pelo personagem que segura o jornal é formal ou informal? Que palavras justificam sua resposta?
- c) A situação comunicativa retratada na charge permite utilizar esse tipo de linguagem? Explique.

Fonte: Amaral e Melo (2018, p. 90).

3.3.2 Comentários sobre a abordagem didática

Neste LD, as autoras tratam das variedades linguísticas de maneira breve, não se dedicando a explorar a riqueza de conteúdo, características e elementos essenciais para uma compreensão e reflexão aprofundada sobre o tema em questão. Como resultado, aspectos cruciais da variação linguística, tais como os fatores regionais, sociais e histórica, não são abordados.

Na primeira questão sobre variação linguística, as autoras abordam uma fala presente no texto e, em seguida, questionam o leitor se essa fala pode ser utilizada na prática. De fato, o aluno poderá ficar confuso se o professor não explicar adequadamente o conceito de variação linguística. Posteriormente, as autoras oferecem questões para avaliar a pertinência do uso da expressão “papo-furado” em diferentes contextos, como audiência com um juiz, bate-papo com os amigos, entrevista em programa de TV destinado ao público jovem e entrevista de emprego. A atividade também propõe a reescrita das frases destacadas no início da atividade, utilizando uma linguagem mais formal, explorando assim a capacidade de adaptação da linguagem conforme o contexto de comunicação.

As questões apresentadas pelas autoras se destacam por conter perguntas que visam à interpretação, compreensão e expressão dos alunos, incentivando respostas pessoais e fugindo da objetividade. Isso significa que os estudantes são convidados a exercitar sua capacidade de opinar e a formular respostas que reflitam suas próprias perspectivas.

Diante das propostas de atividades apresentadas pela BNCC (2018) e pelos PCNs (1998), este LD apenas atende a uma habilidade proposta pela BNCC, que é a (EF69LP56) “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada”. Um ponto negativo deste livro é a falta de uma abordagem abrangente dos elementos que constituem a variedade linguística, limitando-se apenas a discutir

os tipos de linguagem formal e informal. A variação linguística é um tema de grande importância no contexto educacional; no entanto, há uma escassez de discussão sobre esse assunto neste livro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs uma reflexão sobre o ensino da variação linguística em três LDs de Língua Portuguesa de escolas da rede pública e privada no município de Sumé-PB. Abordar a variação linguística é crucial para uma compreensão mais abrangente e inclusiva do uso da língua, especialmente considerando a diversidade linguística existente em diferentes contextos sociais e culturais.

Portanto, o trabalho em questão destaca a importância da variação linguística que está intimamente ligada à diversidade cultural e social. Isso permite uma compreensão mais profunda da riqueza cultural e das diferentes identidades linguísticas presentes em uma sociedade, contribuir para a promoção da inclusão social, combatendo o preconceito linguístico e garantindo que diferentes formas de falar sejam valorizadas e respeitadas e compreender como os alunos lidam com a variação linguística e como os professores podem adaptar suas práticas pedagógicas para melhorar o ensino e a aprendizagem.

Ao analisar os LDs do 6º ano, o estudo destaca a abordagem da variação linguística em diferentes contextos educacionais, com ênfase nas práticas pedagógicas adotadas nos livros didáticos analisados. Em algumas atividades propostas nos livros, são identificadas lacunas na abordagem dessas questões, especialmente no que diz respeito à diversidade de variedades linguísticas presentes no Brasil e à falta de discussão sobre o preconceito linguístico em profundidade.

A escola e, sobretudo, os educadores devem ser diligentes em relação ao conteúdo abordado em sala de aula, especialmente na forma como é apresentado aos alunos. Isso se fundamenta na compreensão de que a escola desempenha um papel essencial ao oferecer a oportunidade de construir uma visão sobre a língua e a sociedade. Conseqüentemente, essa perspectiva pode acidentalmente transmitir uma visão distorcida da língua, o que impacta diretamente na capacidade dos alunos de se integrarem de maneira eficaz na sociedade.

Ademais, a eliminação do preconceito linguístico em relação às diferentes variantes é um aspecto fundamental que deve ser abordado de maneira significativa nas aulas de português. Isso contribuirá não apenas para uma compreensão mais ampla e inclusiva da língua, mas também para a formação de cidadãos conscientes e capazes de lidar respeitosamente com a

diversidade linguística presente em nossa sociedade.

Considerando os tópicos apresentados por esta pesquisa, observamos que o *Convergências* estruturou sua explanação sobre os assuntos da variação linguística com diversas atividades. Por outro lado, o *Língua Portuguesa* estruturou e abordou o preconceito linguístico de forma breve e direta, com um bom número de atividades, enquanto o *Tecendo Linguagens* não explana sobre a variação e nem o preconceito linguístico, apresentando poucas atividades. Portanto, as atividades propostas nos três livros didáticos sobre a variação ainda são limitadas ou não recebem destaque suficiente em algumas delas. Vale ressaltar que o *Convergências* não aborda o preconceito linguístico, ao contrário do *Língua Portuguesa*. O autor Lécio Cordeiro foi mais direto em relação ao preconceito linguístico, possivelmente influenciado por sua origem pernambucana, o que o torna mais presente com a realidade linguística.

No que se refere aos objetivos, analisar as atividades relacionadas à temática da variação e preconceito linguístico, buscando torná-las compreensíveis. Considerando que os autores dos livros *Convergências* e *Língua Portuguesa* se esforçam, dentro das limitações do material didático, para abordar de maneira positiva os conceitos sociolinguísticos, como variação linguística, norma-padrão, linguagem formal e informal. Com relação ao objetivo específico de reconhecer os diferentes tipos e níveis de variação linguística presentes, constatamos que o livro *Convergências* demonstrou a preocupação em abranger em suas atividades os tipos de variação: social, geográfica e histórica. Por outro lado, o livro *Língua Portuguesa* aborda o tipo de variação social e o preconceito linguístico, enquanto o livro *Tecendo Linguagens* se limita a tratar apenas da variação social.

Destacamos que, os livros didáticos precisam aprimorar a abordagem da temática do preconceito linguístico com maior profundidade.

Segundo Bagno:

O tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático. A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito linguístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança (BAGNO, 2007, p. 119).

Bagno escreveu em 2007, quase 20 anos atrás, e os livros ainda apresentam uma escassez de conteúdo no que se refere ao estudo da variação linguística. Além disso, muitas vezes adotam uma perspectiva limitada que não está alinhada com os princípios defendidos

pela Linguística quanto à valorização da variação linguística.

Portanto, é crucial que, ao utilizar livro didático, o educador esteja ciente dessa característica e se esforce para complementar o ensino, abordando e valorizando a variação linguística para promover uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível. Essa abordagem ajudará o aluno a compreender melhor a complexidade da língua e a se sentir representado em sala de aula, além de promover a valorização de suas próprias experiências linguísticas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia do PNLD 2017: Língua Portuguesa.** Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Língua Portuguesa: Orientações Curriculares. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PASSOS, Daniela. **Convergências: Língua Portuguesa.** São Paulo: SM Educação, 2018.

CORDEIRO, Lécio. **Língua Portuguesa.** Recife: Formando Cidadãos, 2018.

OLIVEIRA, Tania; MELO, Lucy. **Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa.** São Paulo: Ibeb, 2018.